


Cyberbullying entre estudantes: um modelo para compreensão

Andrea Carvalho Beluceⁱ 

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Daniele Dower Ronquiⁱⁱ 

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Katya Luciane de Oliveiraⁱⁱⁱ 

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil

Resumo

As modificações impulsionadas pelos avanços no desenvolvimento tecnológico, que englobam os meios de comunicação digitais (*internet*, celular e outros), ainda que possibilitem facilidades, também podem ser empregadas de forma inadequada, para produção e disseminação *on-line* de conteúdos hostis que podem acarretar consequências prejudiciais, o que é considerado como *cyberbullying*. Se refere a um tipo de *bullying* virtual, que visa agredir, denegrir, ofender ou perseguir pessoas. Há diferentes tipos e formas de praticá-lo. Para prevenir ou encontrar meios de enfrentar o *cyberbullying*, se faz relevante investigar as motivações e ocorrências dessa prática. Esse artigo visa realizar um resgate teórico da literatura na área de *cyberbullying*, haja vista que os conhecimentos teóricos desse campo são essenciais para compreensão dos seus desdobramentos e estratégias de enfrentamentos. Os resultados demonstraram a importância de serem criadas, estudadas e pensadas, medidas de avaliação para prevenção e enfrentamento do *Cyberbullying*, além de mensurar a ocorrência e motivações.

Palavra chave: *Bullying*. Assimilação crítica de tecnologia. Violência na escola.

Cyberbullying among students: a model for understanding

Abstract

The changes driven by advances in technological development, which include digital means of communication (internet, cell phone and others), even though they provide facilities, can also be used inappropriately, for the online production and dissemination of hostile content that may lead to harmful consequences, which is considered cyberbullying. It refers to a type of virtual bullying, which aims to attack, denigrate, offend or harass people. There are different types and ways to practice it. To prevent or find ways to face cyberbullying, it is important to investigate the motivations and occurrences of this practice. This article aims to carry out a theoretical review of literature in the area of cyberbullying, given that theoretical knowledge in this field is essential for understanding its consequences and coping strategies. The results demonstrated the importance of creating, studying and thinking about assessment measures for the prevention and confrontation of Cyberbullying, in addition to measuring the occurrence and motivations.

Keyword: Bullying. Critical technology assimilation. Violence at school.

1 Introdução

O século XXI, trouxe diversas modificações, sociais, econômicas, culturais, científicas e políticas, muitas impulsionadas pelos avanços no desenvolvimento tecnológico. (ALMEIDA; CUNHA, 2015; REDAELLI, 2019; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020). Esses avanços como apontado por Santos et al. (2018), ocorreram especialmente na área da comunicação e informação, conhecidas como TDIC (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação), que englobam todos os meios de navegação na *internet* (computador, celular, *tablets* e outros). Essa revolução da tecnologia e *internet* em si, possibilitaram acessos e facilidades, desde oportunidades de comunicação imediata até para viabilizar o processo de conhecimento e de ensino e aprendizagem na escola. Por outro lado, os meios digitais começaram também a serem usados de forma descontrolada e muitas vezes inadequada, para produção e disseminação *on-line* de conteúdos hostis que podem acarretar consequências prejudiciais as vítimas e familiares, como por exemplo, apresentar tentativas suicidas sintomas como ansiedade depressão e stress, sentimentos relacionados ao medo, à frustração, baixo rendimento escolar e danos físicos, como dores de cabeça. (FOODY; SAMARA; CARLBRING, 2015; SELKIE; FALES; MORENO, 2016). Isso acontece por meio de agressão, chantagem, exposição e outras ações em diferentes redes sociais (BELUCE, 2019; RASHID; ASGHAR, 2016).

Nesse contexto, a *internet* começou a se transformar em um ambiente perigoso e desumano, que traz diversas consequências sociais, a médio e longo prazo. (CHAO; YU, 2017; REDAELLI, 2019). Deste modo, o mesmo espaço virtual que viabiliza estudos, pesquisas, trabalhos e aproxima o mundo, possibilita também que venha a ser utilizado para ampliar práticas sociais prejudiciais, como ações com objetivo de denegrir, agredir, ofender ou perseguir pessoas. (ALMEIDA; CUNHA, 2015; BELUCE, 2019). Esse comportamento no ambiente virtual, conhecido como *cyberbullying* (significa uma agressão que ocorre por meio de diferentes tecnologias digitais de informação e de comunicação, como *internet* (*e-mails*, *chats*, jogos virtuais, redes sociais, etc.) e *smartphones* (envio de mensagens, ligações, fotos digitais e outros) que visam à perseguição e intimidação da vítima (GARAIGORDOBIL, 2015). Atualmente é percebido, principalmente, entre pré-

adolescentes e adolescentes, sendo como uma extensão do que ocorre no contexto escolar (*bullying*), haja vista que no contexto escolar, o *bullying* é prático de forma presencial, por meio de ações hostis verbais ou físicas, entretanto o *cyberbullying*, se estende do presencial para os meios remotos, ou seja, por meio das tecnologias de informações.

Sendo assim, esse artigo visa realizar um resgate teórico da literatura na área de *cyberbullying*, haja vista que os conhecimentos teóricos desse campo são essenciais para melhor compreensão dos seus desdobramentos e estratégias de enfrentamentos, especialmente no contexto atual. O estudo do tipo descritivo, com delineamento de levantamento e que teve como foco uma revisão narrativa (ROTHER, 2007) traz um cenário atual do conceito de *cyberbullying*, suas medidas e problematizações no contexto escolar. O artigo começa com uma explanação sobre o conceito de *cyberbullying*, relacionando e diferenciando-o do *bullying*. Continua com as peculiaridades do *cyberbullying*, abordando os diferentes tipos que existem e quais as possíveis consequências para as vítimas. Em seguida, abordará as estratégias de enfrentamento, no combate ao *cyberbullying* e o por fim, as medidas de avaliação.

2 *Cyberbullying*: Conceituação

O *cyberbullying*, origina-se da prática já conhecida, como *bullying*, sendo assim, para haver maior compreensão sobre o *cyberbullying*, se faz necessário explicar o que seria o *bullying*.

A palavra *bullying* se origina do termo “*bully*”, da qual significa “valentão e tirano”. A partir dessas palavras, surgiu o termo “*bullying*”, que se refere segundo a lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, “ato de intimidação sistemática praticada por um indivíduo ou grupo contra uma ou mais pessoas, usando de violência para intimidar ou agredir a vítima causando danos emocionais, morais e físicos” (BRASIL, 2015). Sendo assim, o *bullying*, é considerado uma violência que inclui tanto a ameaça quanto o uso efetivo de força física, desde que com probabilidade de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos ou privações contra outra pessoa, grupo ou comunidade (OMS, 2016).

Dentro do que é considerado violência, existem diversos tipos, como física, sexual, psicológica, negligência, podendo ocorrer nas diversas idades. Devido à faixa etária da população alvo deste trabalho, destacamos a violência juvenil. Segundo Debarbieux e Blaya (2002), a violência juvenil envolve atos cometidos por crianças/jovens, especialmente entre os 10 e 21 anos de idade, que têm como objetivo causar danos psicológicos ou físicos. Esta violência engloba todos os comportamentos agressivos e antissociais, como por exemplo, conflitos interpessoais, danos no patrimônio, atos criminosos, entre outros. Especificando, na violência escolar existem várias formas, como por exemplo, vandalismo, lutas, abuso ou assédio sexual, *bullying*, posse/utilização de armas (MATOS; NEGREIROS; SIMÕES; GASPAR, 2009).

O conceito de violência e os tipos que ocorrem, alteram-se conforme o momento histórico e o contexto social. Essa ideia mostra-se crucial ao entendimento do fenômeno *bullying* e especialmente do *cyberbullying*, com as peculiaridades decorrentes de sua inserção no espaço virtual. Assim sendo, enquanto o *bullying*, ocorre de modo presencial, o *cyberbullying* (enquanto uma extensão do *bullying*), ocorre de modo virtual. Desse modo, o *cyberbullying*, foi pensado pelo canadense Bill Belsey, que é presidente de uma organização educacional destinada à prevenção do *bullying* e, também, criador do primeiro sítio sobre *cyberbullying*. (FINCATO; VIDALETTI, 2019).

No campo virtual, a menção ao termo *bully*, que faz parte da etimologia da palavra, na qual foi acrescentado o prefixo *cyber*, não se refere ao estado físico ou a expressão corporal daquele que agride, como antes denominado, “tirano” ou “valentão”. O agressor virtual apenas precisa ter acesso à *internet*, não necessitando de uma característica física, por exemplo. Ainda assim, atualmente, há incertezas sobre o significado de *cyberbullying*, com o uso de uma diversidade de termos relacionados, como “*cyber-agressão*”, “*assédio na internet*”, “*bullying online*” e “*bullying eletrônico*”, o que torna difícil para pesquisadores, entenderem e diferenciarem com precisão a natureza do *cyberbullying* de outras formas de conflito digital, como assédio online e assédio sexual (ENGLANDER et al., 2017). No entanto, a maioria das definições de *cyberbullying* são modeladas na definição de *bullying* tradicional (ENGLANDER et al., 2017).

O *cyberbullying* significa uma agressão que ocorre por meio de diferentes tecnologias digitais de informação e de comunicação, como *internet* (*e-mails*, *chats*, jogos virtuais, redes sociais, etc.) e *smartphones* (envio de mensagens, ligações, fotos digitais e outros) que visam à perseguição e intimidação da vítima (GARAIGORDOBIL, 2015). Além disso, o *cyberbullying*, é considerado mais intenso e perigoso do que o *bullying*, pois envolve uma invasão mais intensa do espaço pessoal, pelo potencial anonimato fornecido ao agressor e a capacidade de assediar independentemente do momento do dia, ou do local onde a vítima se encontra (SLONJE; SMITH, 2008).

Há três situações principais que configuram a prática de *cyberbullying* apresentadas por autores como Ortega-Ruiz, Del Rey e Casas (2013) e Reyes e Bañales (2016). A primeira situação trata do número da audiência, uma vez que a conexão constante é uma realidade que aproxima as pessoas em tempo real e de forma rápida. A segunda, remete ao fato de que o *cyberbullying* é uma agressão/assédio que a vítima tem que reviver repetidas vezes, uma vez que o conteúdo digital é compartilhado e visto por inúmeras pessoas. Por fim, a terceira questão, retrata a condição de anonimato que impede à vítima a possibilidade de conseguir chegar a identificar seu agressor, uma vez que as tecnologias digitais disponibilizam condições para que este permaneça na invisibilidade (ORTEGA-RUIZ et al., 2013; GARAIGORDOBIL, 2015).

Diante disso, existem de acordo como Willard (2007) e Smith e Steffgen (2013), muitas peculiaridades referentes ao *cyberbullying*, que parecem variar de acordo com o tipo de assédio/agressão. Desse modo falaremos a seguir, sobre essas peculiaridades, englobando os diferentes tipos de *cyberbullying*, as suas consequências, as estratégias para enfrentamento e os meios utilizados para identificar e avaliar o *bullying* virtual.

3 As peculiaridades do *Cyberbullying*: dos variados tipos às suas consequências

De acordo com Willard (2007), pesquisadora, que investigou os tipos de *cyberbullying* segundo a análise do comportamento dos envolvidos, existem 8 tipos

de *cyberbullying*, tais quais: “*flaming*”, “*impersonation*”, “*outing*”, “*trickery*”, “*exclusion*”, “*cyberstalking*”, “*sexting*” e o “*trolling*”, dos quais serão apresentados à seguir.

O primeiro deles, “*flaming*”, se refere a uma intensa discussão, com uma grande quantidade de postagens e/ou mensagens de natureza pejorativa, sendo que muitas vezes, se desvincula da discussão e passa a ter por objetivo promoção de um “linchamento *online*”, concentrando-se mais em atacar, com palavras hostis, profanas e acusações, com intuito de humilhar e ofender, do que no combate das ideias em si (GORDON, 2019). De acordo com Willard (2007, p. 7):

reside no fato de que os comentários são sempre intensos, podendo incluir, de forma velada ou explícita, ameaças de violência, sejam elas plausíveis ou não. As mensagens tendem a serem mais rudes, ofensivas e vulgares.

Ainda, segundo Willard (2007), o “*flaming*” (assédio *online*) envolve, enviar de forma repetida, mensagens cruéis, ofensivas, rudes ou com insultos. A “*denigration*” (difamação) inclui enviar ou colocar rumores falsos, como por exemplo fotos e vídeos, sobre alguém para prejudicar a reputação desse indivíduo ou as suas relações. Já a “*impersonation*” (usurpação da identidade ou representação), se refere em invadir a conta da alguém e representar, como se fosse está pessoa, para enviar e/ou postar conteúdos que possam denegrir a imagem da vítima, ou colocá-la em situações perigosas. Já o “*Outing*”, se refere em divulgar/compartilhar conteúdo *online* (imagens, fotos, vídeos) segredos, dos quais o agressor teve acesso, sem o consentimento da vítima. Nessa mesma linha, o “*Trickery*” (Trapaça), também significa o compartilhamento *online* de informações secretas ou pessoais da vítima sem seu consentimento, porém neste caso, a vítima, foi induzida a revelar essas informações ao agressor, antes deste publicá-las (WILLARD, 2007).

Por outro lado, a “*exclusion*” (exclusão), consta em excluir/bloquear a vítima de um grupo. Por fim, o “*cyberstalking* refere-se ao uso de meios de comunicação eletrônica para perseguir (enviar mensagens com ameaças de agressão física ou intimidatória, envolvendo outrem em atividades online que a levam a estar em perigo)” (WILLARD, 2007). Já, o “*sexting*” se refere a um tipo de *cyberbullying*, do qual corresponde em enviar ou publicar de modo *on-line*, mensagens sexuais, apresentadas por meio de imagens e/ou vídeos com conteúdo sexualmente explícito ou materiais provocativos (TEMPLE et al., 2014). O “*trolling*”, ocorre quando uma pessoa ataca outra pessoa, de modo *online*, por meio de mensagem ou foto, por

causa de suas opiniões, crenças, pensamentos, ou aparência física (GORDON, 2019).

Importante pontuar, que todos os tipos de *cyberbullying*, sendo praticados em conjunto ou separados, podem causar consequências negativas. Diante dessas consequências, pode-se apresentar as psicológicas e emocionais, evidenciando-se tentativas suicidas (FOODY; SAMARA; CARLBRING, 2015), sintomas como ansiedade depressão e stress, sentimentos relacionados ao medo, à frustração, à ira (GARAIGORDOBIL, 2015), à vontade de vingança, à tristeza, à baixa autoestima, por se sentir impotente e inseguro (TRANTORO, 2016; CAETANO et al., 2016; SÜSLÜ, 2018) e, ainda, o baixo engajamento nos estudos, devido a não conseguir se concentrar para aprender e a diminuição do rendimento escolar, por medo de o agressor estar entre ele e especialmente devido aos danos emocionais, que afetam a motivação (GARAIGORDOBIL, 2015; REYES; BANÃLES, 2016). Além destas, a saúde física, também pode ser afetada, como dores de cabeça, perda ou ganho de peso, dores abdominais e problemas com o sono (FOODY et al., 2015; SELKIE; et al., 2016).

À vista das consequências potencialmente negativas que o *cyberbullying* imputa às vítimas dessa prática intimidativa/agressiva, torna-se cada vez mais prementes estratégias que se direcionem à sua prevenção ou a ações que atenuem ou interrompam os sofrimentos/danos ocasionados (BELUCE, 2019). Diante desse cenário, um número crescente de pesquisadores tem se debruçado em investigar as estratégias de enfrentamento que os estudantes adotam para combater as agressões *on-line* sofridas, conforme serão detalhadas a seguir. (GARAIGORDOBIL, 2017; TRIANTORO, 2016; SIMÃO et al., 2017; SOUZA; SIMÃO; CAETANO, 2014; WATTS et al., 2017).

4 O combate ao *cyberbullying*: estratégias de enfrentamento

Pesquisadores como Folkman et al. (1986) descrevem as estratégias de enfrentamento ou *coping* como a gestão de esforços cognitivos e comportamentais que o sujeito adota para atender a demandas internas e/ou externas que são compreendidas como estressantes, isto é, que suplantam seus recursos emocionais. Tais estratégias atuam no tratamento da situação/problema geradora do sofrimento

observado e na regulação das emoções requeridas para o exercício desse enfrentamento.

No entanto, autores como Machackova et al. (2013) alertam que as estratégias selecionadas para o enfrentamento do *cyberbullying* diferem daquelas empregadas para o combate do *bullying* presencial, uma vez que estas devem contemplar as especificidades do assédio/agressão realizado em contexto on-line. Para tanto, a primeira estratégia para combater o *cyberbullying* é constatar que a agressão, ainda que vivenciada em meio virtual, é real (SOUZA et al., 2014). Identificado o assédio, é preciso comunicar imediatamente a situação, posto que essa atitude é apontada como uma das ações mais eficazes para o enfrentamento do *cyberbullying* (TRANTORO, 2016; WATTS et al., 2017). No entanto, estudos observaram que, por vezes, o medo vivenciado é tão aterrador que muitas vítimas se silenciam ou escondem o assédio que estão sofrendo (CHAO; YU, 2017).

Dentre os motivos apontados para justificar esse silêncio, alguns alunos relataram que não denunciaram o assédio, pois consideravam o ocorrido somente como uma “brincadeira” ou “algo engraçado/divertido” que seus colegas postaram na *internet* e, portanto, não compreendiam a ação como algo a ser denunciado (CHAO; YU, 2017; TRIANTORO, 2016). Há estudantes também que não expuseram as intimidações receando que seus pais e/ou professores banalizariam o fato ou, até mesmo, não acreditariam na sua veracidade (PRICE; DALGLEISH, 2010) e, ainda, aqueles que toleraram as agressões por temer que se as denunciassem seriam restringidos ou impedidos de utilizarem seus computadores ou *smartphones* (TRANTORO, 2016). Segundo os pesquisadores Chao e Yu (2017), ignorar ou evitar sistematicamente posicionar-se contra o *cyberbullying* são posicionamentos que alimentam a continuidade da intimidação *on-line*, desencadeando uma série de consequências negativas que poderão comprometer a saúde e o bem-estar do estudante.

Por sua vez, Slonje, Smith e Frisén (2012) e Souza et al. (2014) ressaltam que, além de reportar o assédio *on-line*, outras medidas também são indicadas para enfrentar o *cyberbullying*. Para os pesquisadores estratégias como bloquear as comunicações, copiar e salvar intimidações e compartilhá-las com os responsáveis pelo agressor, posicionar-se contra o comportamento ofensivo exigindo do perpetrador que cesse imediatamente as intimidações e exclua o conteúdo ofensivo

divulgado, prestar queixa ao site/plataforma ou provedor do serviço utilizado e relatar o fato à direção/coordenação da instituição de ensino e/ou à polícia. Os autores destacam que se essas medidas não alcançarem o êxito almejado interrompendo as ameaças/intimidações, os pais e o aluno vítima do *cyberbullying* devem buscar um advogado e acionar as medidas legais cabíveis.

Slonje et al. (2012), que, também identificaram algumas estratégias de enfrentamento, explicitam que, por vezes, os estudantes buscam se proteger/enfrentar o *cyberbullying* adotando soluções tecnológicas. Para isto, bloqueiam pessoas indesejadas, modificam, frequentemente, *logins* ou nomes de usuário e/ou endereço de *e-mail* e não abrem mensagens recebidas de remetentes ou contatos desconhecidos. Já Souza et al. (2014) estudaram e classificaram as estratégias de *coping* em três tipos, a saber: *off-line*, *on-line* e mistas. As estratégias *off-line*, como o próprio nome indica, são empregadas pelos alunos quando estes não estão conectados, desempenhando ações como, por exemplo, buscar apoio profissional, pedir ajuda aos amigos e/ou à família e ignorar o fato. As estratégias *on-line* são as ações para restrição, alteração ou exclusão de contatos e as mistas integram as medidas tomadas para contatar os responsáveis pelo *site* e revelar o perpetrador da intimidação.

Dentre as estratégias para enfrentamento do *cyberbullying* são altamente recomendadas as ações que contam com o envolvimento dos pais, gestores/coordenadores escolares e professores. Os estudos desenvolvidos por Francisco et al. (2015) e Simão et al. (2017) enfatizaram as estratégias voltadas para a sensibilização e formação de pais e comunidade escolar sobre as consequências negativas do uso inadequado das TDIC por crianças e jovens. As investigações realizadas por Garaigordobil (2015) e Ortega-Barón et al. (2019) destacaram a relevância de ações que busquem o fortalecimento de vínculos familiares presenciais, que incentivem a adoção de *softwares*/aplicativos para a segurança *on-line* e a implementação de programas para ajuda às vítimas.

Como visto, a produção científica que trata desta temática traz diversas e necessárias estratégias para o combate ao *bullying* virtual que devem ser consideradas e aplicadas por estudantes, pais, professores e gestores/coordenadores educacionais. No entanto, o passo inicial para esse enfrentamento é avaliar adequadamente o *cyberbullying* (BELUCE, 2019; PATCHIN;

HINDUJA, 2015). Assim, conhecer instrumentos válidos e confiáveis para mensuração dessa prática intimidadora é uma medida que deve constar no cotidiano de instituições escolares e universitárias. Entre os estudos que investigaram os instrumentos para esse fim nos últimos anos, destacam-se as pesquisas de Topçu e Erdur-Baker (2010), Garaigordobil e Martínez-Valderrey (2014), Francisco et al. (2015), Palladino, Nocentini e Menesini (2015), Patchin e Hinduja (2015), Barlett e Chamberlain (2017), Rodríguez, Noriega e Hernández (2018).

5 Medidas para avaliação do *cyberbullying*

Na sequência serão trazidos estudos nacionais e estrangeiros que se propuseram à construção de medidas para avaliação do *cyberbullying*. Por um lado, importa trazer o cenário da construção dos instrumentos e a eficiência psicométrica dos mesmos mas por outro também parece explícito que as pesquisas não dão conta de problematizar formas práticas de aplicação dos instrumentos e o quanto foram efetivos nesse mapeamento ou até na proposição de estratégias de enfrentamento.

O Inventário de *Cyberbullying* (*Cyberbullying Inventory* – CBI) foi proposto por Erdur-Baker (2007) e revisado por Topçu e Erdur-Baker (2010) (*Cyberbullying Inventory Revised* – RCBI). O RCBI é constituído de duas partes com 14 proposições que direcionam o participante à identificação do papel de vítima ou agressor. As análises estatísticas fatorial exploratória e confirmatória, efetuadas pelos pesquisadores, comprovaram a consistência interna do instrumento ($\alpha=82$), evidenciando-o como uma medida válida e confiável para investigar a natureza e a extensão da experiência do *cyberbullying*.

Barlett e Gentile (2012) propuseram o *Barlett Gentile Cyberbullying Model* (BGCM). Os resultados do estudo realizado pelos pesquisadores comprovaram a confiabilidade do modelo e apontaram ainda que o anonimato e ausência de diferencial de força são preditores de atitudes positivas com relação ao *cyberbullying*. O BGCM foi empregado ainda em estudos posteriores como medida para avaliação do *cyberbullying* (BARLETT; CHAMBERLIN, 2017; BARLETT et al., 2019). Nesses estudos que também empregaram o instrumento pode-se perceber

que a eficácia da medida foi mantida nesse mapeamento e que de fato esse instrumento serviria para uma avaliação nesses contextos específicos de aplicação.

Para a coleta de dados de um estudo que buscou avaliar um programa de combate ao *cyberbullying*, os pesquisadores Garaigordobil e Martínez-Valderrey (2014) elaboraram o *Cuestionario de Evaluación del Programa (CEP) – Cyberprogram – 2.0*. A escala, constituída por 41 itens, apresentou um bom índice de consistência interna ($\alpha=99$) e se mostrou um instrumento eficiente para avaliação de ações direcionadas ao combate do *bullying* virtual.

As evidências psicométricas da Florence *Cyberbullying-CyberVictimization Scales (FCBVS)* foram averiguadas pelos pesquisadores Palladino, Nocentini e Menesini (2015), propositores da referida escala. A escala FCBVS, integra dois instrumentos, sendo um para agressão e outro para vitimização. Cada instrumento é estruturado em quatro dimensões constituídas por 14 itens (escritos-verbais, visuais, de representação e exclusão). Os resultados alcançados com as análises estatísticas efetuadas pelos pesquisadores apontaram índices satisfatórios de validade concorrente e convergente, destacando a boa consistência interna da escala.

Avaliar o bem-estar ocasionado pelo envolvimento no *cyberbullying*, os pesquisadores foi o objetivo que conduziu a elaboração do Inventário/Questionário de *Cyberbullying* para Estudantes Universitários elaborado por Francisco et al. (2015). A análise fatorial exploratória apontou uma estrutura unidimensional para as quatro escalas (escala das vítimas, agressores, observadores das vítimas e observadores dos agressores), integrantes do inventário. A unidimensionalidade de cada escala foi investigada com a utilização de testes da Teoria de Resposta ao Item (TRI), que examinou as interações entre itens e participantes. Os resultados alcançados destacaram a eficácia do instrumento para mensurar o envolvimento, as motivações e as estratégias para o enfrentamento do *cyberbullying*. Posteriormente, o Inventário de *Cyberbullying* para Estudantes Universitários foi empregado com êxito nas pesquisas de Souza et al. (2017), Souza e Simão (2017) e Ferreira et al. (2016), mas novamente chama atenção do emprego do instrumento para realidades específicas de aplicação, devendo o mesmo ser estudo do ponto de vista de sua eficácia para outras realidades.

Patchin e Hinduja (2015) elaboraram um instrumento para identificar e revisar os elementos essenciais do *cyberbullying*. O instrumento, composto por duas escalas direcionadas a mensuração da vitimização e da agressão do *cyberbullying*, foi submetido às análises fatoriais exploratória e confirmatória que evidenciaram e asseguraram a estrutura do instrumento com o índice de $\alpha=0,89$ para ambas as escalas. Convém destacar que os quatro critérios do *cyberbullying* foram discutidos para a construção da escala, a saber: repetição, intenção, dano e diferencial de poder.

Já a *Escala de Cibervictimización Escolar* (ECE) foi estruturada por Rodríguez, Noriega e Hernández (2018) para mensurar a prevalência da vitimização entre estudantes do ensino superior. Os valores obtidos com as análises fatoriais exploratória e confirmatória consolidaram uma estrutura de três dimensões e 19 itens e asseguraram a consistência interna da escala ($\alpha=80$). Por seu turno, Torres-Acuña, Rivera e Navarro (2019) averiguaram as propriedades avaliativas de uma escala para avaliar as estratégias de *coping* do *cyberbullying*. Os escores conquistados com as análises fatoriais exploratória e confirmatória revelaram e comprovaram, respectivamente, uma escala com três dimensões, a saber: solução técnica evasiva ($\alpha=80$); solução técnica proativa ($\alpha=78$); e busca por apoio social ($\alpha=80$). Os pesquisadores concluíram que a escala apresenta as propriedades psicométricas requeridas para avaliar o construto proposto.

Conforme ressalta Beluce (2019), em virtude das consequências devastadoras que o *cyberbullying* imputa aos seus envolvidos, é preponderante o uso de medidas que identifiquem prematuramente a prevalência dessa prática no contexto educacional. Indica-se também que há que ter discussões mais problematizadoras que possam, de fato, embasar a criação de instrumentos que consigam mapear não somente como ocorrem, mas porque ocorrem esses atos tão nefastos ao bem estar físico e mental dos envolvidos, sobretudo das vítimas. Somente com uma compreensão mais sistêmica poder-se-ia investir em formas interventivas mais estruturantes que pudessem transformar esse cenário.

6 Considerações Finais

Para prevenir ou encontrar meios de enfrentar as consequências do *cyberbullying*, se faz relevante investigar modelos que envolvam as motivações e

ocorrências dessa prática, bem como os meios de avaliação e práticas de enfrentamento, conforme foi a proposta do presente estudo. Diante desse cenário, foram levantadas e estudadas publicações, objetivando explicitar o *cyberbullying* a fim de ampliar as informações sobre essa temática e sensibilizar/conscientizar estudantes, pais, professores, psicólogos e demais profissionais que atendem a comunidade escolar sobre essa prática virtual avassaladora que tem assolado a vida de crianças e jovens.

Considerando a literatura abordada, fica visível que existe muito para se estudar sobre o *cyberbullying*. Observa-se também que o *cyberbullying* é um fenômeno em expansão, posto que a cada dia há novos recursos/aplicativos comunicacionais que são rapidamente absorvidos pelos estudantes. Um outro ponto que merece discussão é exatamente a necessidade de criação de instrumentos que sejam capazes de ultrapassar a discussão do ato de violência em si (*bullying* e *Cyberbullying*), mas consigam de algum modo também trazer contexto avaliativos que deem conta do porque isso ocorre de um ponto de vista menos colonizador e mais problematizado nas questões que permeiam a realidade contextual e sócio-afetiva dos alunos envolvidos nesses episódios.

Devido às repercussões psicológicas, professores e pesquisadores salientam, a importância de serem criadas, estudadas e pensadas, medidas de avaliação para prevenção e enfrentamento desse fenômeno virtual que tem consequências concretas e avassaladoras na vida dos estudantes e suas famílias. Além disso, ressalta-se a relevância de que novos estudos que discutam e discorram sobre a importância de investigar o ponto de vista de todas as pessoas envolvidas nessa prática (agressores, vítimas, espectadores, escola e família), buscando mensurar a ocorrência e motivações, além de proporcionar conscientização da população sobre a ocorrência do *cyberbullying* e os meios de preveni-lo.

Referências

ALMEIDA, Nathalie Dutra de; CUNHA, Leandro Reinaldo da. **Avanços Tecnológicos, o Direito à Privacidade e o Cyberbullying**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE, nº 3, 2015. Santa Maria. Anais. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Rede CIDDI, 2015, p.1-15. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/6-17.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

BARLETT, Christopher ; MADISON, Cory; HEATH, Bailey; DEWITT, Caroline. Please browse responsibly: A correlational examination of technology access and time spent online *In: the Barlett Gentile Cyberbullying Model. Computers in Human Behavior*, v. 92, p. 250-255, 2019.

BARLETT, Christopher; CHAMBERLIN, Kristina. Examining cyberbullying across the lifespan. **Computers in Human Behavior**, v. 71, p. 444-449, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.02.009>

BARLETT, Christopher; GENTILE, Douglas. Attacking others online: The formation of cyberbullying in late adolescence. **Psychology of popular media culture**, v. 1, n. 2, p. 123, 2012.

BELUCE, Andrea Carvalho. **Estudantes e as tecnologias digitais: relações entre cyberbullying e motivação para aprender**. 2019. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil, 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de Novembro de 2015**. Presidência da República. Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília: Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20152018OMS/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 2 fev. 2021.

CAETANO, Ana Paula; FREIRE, Isabel; SIMÃO, Ana Margarida Veiga; MARTINS, Maria José; PESSOA, Maria Teresa. Emoções no cyberbullying: um estudo com adolescentes portugueses. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 199-212, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603138125>

CHAO, Cheng-Min; YU, Tai-Kuei. Associations among Different Internet Access Time, Gender and Cyberbullying Behaviors in Taiwan's Adolescents. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.01104/full>. Acesso em 06 fev. 2021

DEBARBIEUX, Eric.; BLAYA, Catherine (Org). **Violência nas Escolas e Políticas Públicas**. 1. ed. Brasília: UNESCO, 2002. 267p.

ENGLANDER, Elizabeth; DONNERSTEIN, Edward; KOLWASKI, Robin; A LIN, Carolyn; PARTI, Katalin. Defining cyberbullying. **Pediatrics**, v. 140, n. Suppl 2, p. 148-151, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2016-1758u>

ERDUR-BAKER, Ozgur. Cyber bullying: A new face of peer bullying. **Eurasian Journal of Educational Research**, p. 27, p. 31-42, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284107943_Cyber_bullying_A_new_face_of_peer_bullying. Acesso em: 06 fev. 2021

FERREIRA, Paula da Costa; SIMÃO, Ana Margarida Vieira da Veiga; FERREIRA, Aristides Isidoro; SOUZA, Sidclay; FRANCISCO, Sofia. Student bystander behavior

and cultural issues in cyberbullying: When actions speak louder than words. **Computers in Human Behavior**, v. 60, p. 301-311, 2016.

FINCATO, Denise Pires; VIDALETTI, Leiliane Piovesani. Novas tecnologias e relações de trabalho: cyberbullying, responsabilidade patronal e reforma trabalhista. **Percursos Acadêmicos**, Belo Horizonte, v. 9, n. 17, jan./jun, 2019. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/percursoacademico/article/view/15402/14788>
Acesso em: 06 fev. de 2021.

FOODY, Mairéad; SAMARA, Muthanna; CARLBRING, Per. A review of cyberbullying and suggestions for online psychological therapy. **Internet Interventions**, v. 2, n. 3, p. 235-242, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.invent.2015.05.002>

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard; GRUEN, Rand; DELONGIS, Anita. Appraisal, coping, health status, and psychological symptoms. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 50, n. 3, p. 571-579, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.571>

FRANCISCO, Sofia Mateus; SIMÃO, Ana Margarida Veiga; FERREIRA, Paula Costa; DAS DORES, Maria José. Cyberbullying: The hidden side of college students. **Computers in human behavior**, v. 43, p. 167-182, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.045>.

GARAIGORDOBIL, Maite. Ciberbullying en adolescentes y jóvenes del País Vasco: Cambios con la edad. **Anales de Psicología/Annals of Psychology**, v. 31, n. 3, p. 1069-1076, 2015. DOI: <https://doi.org/10.6018/analesps.31.3.179151>

GARAIGORDOBIL, Maite. Conducta antisocial: conexión con bullying/cyberbullying y estrategias de resolución de conflictos. **Psychosocial Intervention**, v. 26, n. 1, p. 47-54, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.psi.2015.12.002>

GARAIGORDOBIL, Maite; MARTÍNEZ-VALDERREY, Vanesa. Cyberprogram 2.0: efectos en la mejora de la conducta social durante la adolescencia. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 19, n.2, p. 289-305, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11144/Javerianacali.PPSI14-1.ecfd>

GONÇALVES, Jonas Rodrigo; OLIVEIRA, Lívia Rebeca Gramajo. A ineficácia da punibilidade do cyberbullying no Brasil. **Revista Educar Mais**, v. 4 n. 2, p. 308 – 319, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15536/reducarmais.4.2020.308-319.1819>

GORDON, Sherry Mabry. **Coping with Online Flaming and Trolling**. 1nd ed. Ed. Rosen YA, The Rosen Publishing Group, INC, New York. 2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=59doDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=GORDON,+S.+M.+Coping+with+Online+Flaming+and+Trolling.&ots=HEeMPHyEvM&sig=TB98UaxKEu4HrDpkXZKOFYLqLds#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 23 ago. 2021

MACHACKOVA, Hana; CERNA, Alena; SEVCIKOVA, Anna; DEDKOVA, Lenka; DANEBACK, Kristian. Effectiveness of coping strategies for victims of cyberbullying.

Cyberpsychology: **Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**, v. 7, n. 3, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5817/CP2013-3-5>

MATOS, Margarida; NEGREIROS, Jorge; SIMÕES, Celeste; GASPAR, Tânia. **Violência, Bullying e Delinquência – Gestão de problemas de Saúde em Meio Escolar**. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Inspire: sete estratégias para acabar com a violência contra as crianças**. Geneva, 2016.

ORTEGA-BARÓN, Jessica; BUELGA, Sofia; AYLLÓN, Ester; MARTÍNEZ - FERRER, Belén; CAVA, Maria Jesús. Effects of intervention program Prev@ cib on traditional bullying and cyberbullying. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.16, n. 4, p. 527, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph16040527>

ORTEGA-RUIZ, Rosario; DEL REY, Rosario; CASAS, José. La Convivencia Escolar: clave en la predicción del Bullying. **Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa**, v. 6, n. 2, p. 91-102, 2013. Disponível em: <https://revistas.uam.es/riee/article/view/3406> Acesso em: 23 ago. 2021.

PALLADINO, Benedetta Emanuela; NOCENTI, Annalaura ; MENESINI, Ersilia. Psychometric properties of the Florence cyberbullying-cybervictimization scales. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v.18, n. 2, p. 112-119, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.0366>

PATCHIN, Justin; HINDUJA, Sameer. Measuring cyberbullying: Implications for research. **Aggression and Violent Behavior**, v. 23, p. 69-74, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.013>

PRICE, Megan; DALGLEISH, John. Cyberbullying: Experiences, impacts and coping strategies as described by Australian young people. **Youth Studies Australia**, v. 29, n. 2, p. 51-59, 2010.

RASHID, Tabassum; ASGHAR, Hanan. Technology use, self-directed learning, student engagement and academic performance: Examining the interrelations. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 604-612, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.084>

REDAELLI, Rafael. **Diagnóstico sobre Cyberbullying no Ensino Médio**. (Trabalho de conclusão de especialização e Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/201774> Acesso em: 02 de setembro de 2021.

REYES, Jesika Ivete; BANÁLES, Dora Luz González. El ciberacoso y su relación con el rendimiento académico. **Innovación educativa** (México, DF), v. 16, n. 71, p. 17-38, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179446997002>.

RODRÍGUEZ, Ana; NORIEGA, Vera; HERNÁNDEZ, Gildardo. Desarrollo de un instrumento para medir cibervictimización en adolescentes. **Informes Psicológicos**,

v. 18, n. 2, p. 189-207, 2018. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7044277>

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, 1-3, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>

SANTOS, Jaciane; SILVA, Leticia; QUEIRÓZ, Lidiane; SILVA, Francisco. Investigando o Cyberbullying entre Estudantes do Ensino Médio: Um Estudo no IFRN-Parelhas/RN. *In*: Congresso sobre Tecnologias na Educação. Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Cultura Maker, p. 249-257, 2018. Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-2185/CtrlE_2018_paper_60.pdf. Acesso em: 02 set. 2021.

SELKIE, Ellen; FALES, Jessica; MORENO, Megan. Cyberbullying prevalence among US middle and high school-aged adolescents: A systematic review and quality assessment. **Journal of Adolescent Health**, v. 58, n. 2, p. 125-133, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.09.026>

SIMÃO, Ana Margarida Veiga; PAULINO, Paula; FERREIRA, Paula; RAMALHO, Susana; FRANCISCO, Sofia; SOUZA, Sidclay. Family and school: Perspectives on the use of technology and security. **Revista de Estudios e Investigación em Psicología e Educación**, Espanha, n. 5, p. 143-148, 2017.

DOI: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.05.2505>

SLONJE, Robert; SMITH, Peter. Cyberbullying: another main type of bullying? **Scandinavian Journal of Psychology**. v. 49, p. 147-154, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x>

SLONJE, Robert; SMITH, Peters; FRISÉN, Ann. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers in human behavior**, v. 29, n. 1, p. 26-32, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2012.05.024>

SMITH, Peters; STEFFGEN, Georges. (Eds.). **Cyberbullying through the new media: Findings from an international network**. 1. ed. 2013. p. 320.

SÜSLÜ, Demet Pekşen. A study on self-esteem, mother, father, and peer relations as predictors of cyberbullying and cyber-victimization in high school students. **Journal of Human Sciences**, v. 15, n. 2, p. 1381-1393, 2018. Disponível em: <https://www.j-humansciences.com/ojs/index.php/IJHS/article/view/4835> Acesso em: 02 set. 2021.

SOUZA, Sidclay; SIMÃO, Ana Margarida Veiga; CAETANO, Ana Paula. Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. n. 3, p. 582-590, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427320>

SOUZA, Sidclay; SIMÃO, Ana Margarida Veiga; FERREIRA, Aristides Isidoro; FERREIRA, Paula Costa. University students' perceptions of campus climate, cyberbullying and cultural issues: implications for theory and practice. **Studies in**

Higher Education, v. 43, n. 11, p. 2072-2087, 2017. DOI:
<https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1307818>

SOUZA, Sidclay; SIMÃO, Ana Margarida Veiga. Clima universitário e cyberbullying: um estudo com estudantes do Brasil e Portugal. **Revistambienteeducação**, v. 10, n. 2, p.181-196, 2017. Disponível em:
<https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/106>
Acesso em: 02 set. 2021.

TEMPLE, Jeef; LE, Vi Donna; BERG, Patricia; LING, Yan; PAUL, Jonathan. Brief report: Teen sexting and psychosocial health. **Journal of Adolescence**, v. 37, n. 1, p. 33-36, 2014. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.10.008>

TORRES-ACUÑA, Gisela Margarita; HERNÁNDEZ, Claudia Rivera; RANGEL, Yadira Navarro. Validación de una escala para medir afrontamiento ante ciberagresiones entre universitarios. REDIE: **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 21, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24320/redie.2019.21.e09.1907>

TOPÇU, Çiğdem; ERDUR-BAKER, Özgür. The revised cyber bullying inventory (RCBI): Validity and reliability studies. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 5, p. 660-664, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2010.07.161>

TRANTORO, Safaria. Are daily spiritual experiences, self-esteem, and family harmony predictors of cyberbullying among high school student. **International Journal of Research Studies in Psychology**, v. 4, n. 3, p. 23-33, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5861/ijrsp.2015.1103>

WILLARD, Nancy. **Cyberbullying and cyberthreats: Responding to the challenge of online social aggression, threats, and distress**. 1. ed. Champaign, IL: Research Press, 2007. 311p.

WATTS, Lynette; WAGNER, Jessyca; VELASQUEZ, Benito; BEHRENS, Peters. Cyberbullying in higher education: A literature review. **Computers in Human Behavior**, v. 69, p. 268-274, 2017. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1016/j.chb.2016.12.038>

ⁱ **Andrea Carvalho Beluce**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7581-7045>
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Educação pela UEL. Atua na Gestão Pedagógica do Ambiente Virtual de Aprendizagem da Prefeitura Municipal de Londrina (AVA/PML) e como Diretora Geral da Escola de Governo da PML.

Contribuição de autoria: Elaboração e construção textual da introdução, de dois capítulos teóricos, das considerações finais, referências e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5866354105692640>

E-mail: andreabeluce@gmail.com

ⁱⁱ **Daniele Dower Ronqui**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5968-4070>
Mestranda em Psicologia na Universidade Estadual de Londrina. Psicóloga Clínica e Docente de Psicologia na Kroton Educacional.

Contribuição de autoria: Elaboração e construção textual do resumo, introdução, dois capítulos teóricos, considerações finais e referências. Além da revisão final e formatação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5769037843160890>

E-mail: dowerdaniele@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Katya Luciane de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2030-500X>
Professora Associada do Programa de Mestrado em Psicologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Londrina.

Contribuição de autoria: Elaboração do resumo, introdução, de dois capítulos teóricos, das considerações finais e revisão textual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4705886258107687>

E-mail: katyauel@gmail.com

Como citar este artigo (ABNT):

BELUCE, A. C.; RONQUI, D. D.; OLIVEIRA, K. L. Cyberbullying entre estudantes: um modelo para compreensão. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 2, n.2, p. e021013, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.51281/impa.e021013>

Recebido em 24 de agosto de 2021.

Aprovado em 03 de setembro de 2021.

Publicado em 05 de setembro de 2021.